

Homessa!

J. Roberto Whitaker Penteadó

A tendéncia natural duma língua é para a simplificação... - Dona Benta, em Emília no País da Gramática (Monteiro Lobato)

Como quase todo mundo, tenho uma lista de amigos a quem envio gracinhas pela internet. Tento não fazer como parte de todo mundo, que envia e re-envia compulsivamente a amigos, conhecidos e completos estranhos, tudo que lhes cai nas mãos, preferivelmente em mensagens pesando dezenas de megabaites. Minha analista diz que, esses, embora dispondo de tempo de sobra, são carentes de afeto...

Semana passada, passei adiante um texto bem-humorado do publicitário e escritor Ricardo Freire, classificando como "verbos novos e horríveis" expressões como disponibilizar, digitalizar, agilizar, inicializar, etc. etc. – e imaginando que o próprio filho, após le-lo, reclamaria: você não vai me impedibilizar de falabilizar do jeito que eu bem quilibiliser!

Como tenho amigos com variadas posições ideológicas, recebi comentários a favor e contra, inclusive de um editor que disse ter passado a peça para orientar o seu pessoal de redação. Mas o Carlos Chiesa, competente criador, que sabe usar bem as palavras, discordou: divertido, mas é retrógrado; como se V. estivesse defendendo o uso de homessa, senhorita, co'a breca! O idioma é dinâmico, tentar engessá-lo é tolo, além de inútil. Claro que, na ânsia de inovar, nem, sempre se acerta, mas não dá pra lutar contra isso, é como as marés.

Chiesa está na excelente companhia do meu ídolo, Monteiro Lobato, como se vê na citação acima, tirada do livro Emília no País da Gramática: mais exatamente, num pós-escrito do autor, de 1947, escrevendo que depois da publicação do seu livro (cuja 1ª edição é de 1934), "o Brasil ficou envergonhado de estar mais atrasado que uma bonequinha e resolveu aceitar as suas idéias", realizando a reforma ortográfica. (Assim mesmo, Lobato continuou reclamando do excesso de acentos, que quase não usava, nos seus textos).

Fiquei matutando. A palavra senhorita é galante, embora inútil. Homessa e co'a breca, devo ter lido, como o Chiesa, em coleções de revistas antigas. Não creio que se tenha perdido alguma coisa. Não complica nem prejudica, também, escrever duma, como ML, ou pra, como o CC. Pessoalmente, acho que há momentos para pra e há outros pra para.

Como ele mesmo escreveu: nem sempre se acerta. Acho que certas mudanças, que se devem à ignorância ou à afetação, devem ser combatidas, como essas bilizações e os arrastados gerúndios, assim como o quem gostaria? (felizmente caindo em desuso) ou o mais recente magina! (respondendo a obrigado). Quem escreve "tem tudo haver" ou "a haver" não está sabendo pensar direito. O gradual desaparecimento do verbo haver, no Brasil, e a sua substituição por ter, definitivamente empobrecem o idioma e o tornam menos preciso. Já a nossa colocação universalmente incorreta dos pronomes não faz mal a ninguém e – como dizia Mario de Andrade – torna a língua mais doce. Os espanhóis, por exemplo, não ligam muito para eles. Como Dona Benta, Emília e Lobato também não ligavam.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=75&ID=446>>. **Acesso em: 30 jul. 2009.**